

**A R T E V I S U A L**

# **História e Sistema de Arte**

**ISAAC A. CAMARGO**

## ***Tópico 4***

***Do elitismo a socialização  
da Arte.***

Num primeiro momento é  
necessário discutir o que se  
entende por elite e  
elitização

Se o conceito de elite se  
refere ao aspecto  
intelectual ou ao grupo  
dominante

Embora saibamos que as regras sociais são, muitas vezes, definidas e ordenadas pelo grupo dominante e o objeto destas regras é, quase sempre, a manutenção do poder

Ora, se considerarmos que o grupo dominante é quem determina as diretrizes, o grupo dominado tem duas opções: acata estas diretrizes ou se rebela contra elas

No decorrer da história pudemos observar esta disputa, a mais notável e recente foi a ruptura provocada pelos movimentos modernos do fim do século XIX para cá

No entanto, antes de pensarmos a arte como uma atividade autônoma, com posturas, atitudes e vontade próprias, devemos entender que nem sempre foi assim



A título de exemplo vamos  
imaginar a produção  
artística na Pré-história

Dentre as hipóteses que se propôs para o entendimento da arte naquela época, a de seu entendimento como uma atividade mística, simbólica e propiciatória, parece ser a que melhor se encaixa naquele momento

Assim considerando,  
devemos admitir que os  
sujeitos que usavam as  
paredes das cavernas para  
manifestar-se, não o faziam  
com finalidade de decorar o  
ambiente

Tampouco parecia fazê-lo para documentar a fauna da época. O mais comum é entender que estas manifestações tinham um caráter ritual e se destinavam a propiciar e facilitar a caça

A arte tinha, portanto, uma finalidade mágica e se revestia de um caráter simbólico atuando como catalizadora da vontade humana, ou daquele grupamento que ali vivia

O líder tribal, uma espécie de feiticeiro, um xamã no conhecimento atual, orientava a comunidade e a levava ao sucesso ou insucesso em suas empreitadas

A relação deste sujeito com os seus semelhantes estabelecia uma hierarquia em que ele atuava como chefe e os demais como chefiados, logo, o exercício do poder se estabelecia

Como sabemos hoje, os rituais xamânicos são atividades que empregam sons como o de batidas, a fala, o canto, empregam movimentos do corpo, como a dança, a mímica e a gestualidade para construir ou tematizar um dada circunstância



Narrar ou representar,  
simbolicamente, uma  
situação, como a caça, por  
exemplo, e o abate dos  
animais necessários à sua  
sobrevivência

Neste caso a arte estava vinculada diretamente ao domínio do poder, era exercida pela liderança e tinha uma função pragmática

Na antiguidade as funções da arte não mudam muito, alguns povos a mantêm como dádiva ou homenagem aos deuses, como é o caso dos egípcios e, ao mesmo tempo, sob o domínio do poder

Com outros povos da  
mesma época as coisas  
não se dão de modo  
diferente

A arte também é um meio de propaganda, destinada a narrar a história dos seus líderes, reis e rainhas que dominaram o poder e, por isso, têm suas peripécias narradas por meio das representações que os enalteciam

Grande parte da arte produzida na antiguidade é produzida para narrar os feitos e conquistas de seu líderes, a arte de um império sucedia a de outro, destruindo-a ou ignorando-a

Mostrar a grandiosidade a magnitude e a opulência do poder foi, durante um bom tempo, função da arte

Cabe abrir um destaque para as civilizações clássicas, Grécia e Roma, em razão das modificações que trouxeram para as manifestações artísticas que as diferenciava do lugar comum das demais civilizações da antiguidade



A arte Grega se transforma num modelo de representação que tem por meta um ideal. Cria um senso de beleza ou de qualidade, se quisermos, que irá dominar o pensamento ocidental até bem pouco tempo

Para os gregos a arte não imita a vida, ela a transcende, vai além da mera representação do mundo natural e se constitui como um outro universo visível que tem por diálogo um mundo mítico e idealizado

O atleta mostrado por ela não é um atleta em especial, alguém com identidade própria, uma vida comum no contexto de sua sociedade, mas sim a idealização das qualidades inerentes do atleta, desde seu corpo até sua índole

Um guerreiro, um lutador,  
um trabalhador, um  
pensador, um líder político,  
todos eles passam por um  
refinamento e não se  
mostram como pessoas e  
sim como mitos ou ideais

Em Roma, a despeito dos artistas romanos copiarem a arte grega para usarem como ornamentação ambiental, o que difere substancialmente a arte romana da grega é o forte apego às coisas do mundo, à materialidade

O artista romano, ao realizar a efígie do imperador, o fará dando-lhe o máximo de identidade, o máximo de realidade. A imagem que o artista romano mostra é aquilo que vê e não aquilo que idealizaria ver

Diz-se que a arte romana criou o retrato por dar o retratado a aparência que tinha no mundo natural, com todas as suas imperfeições e expressões

De um modo ou de outro, tanto a arte da Grécia quanto de Roma, eram filiadas ao poder, pois uma e outra eram representações daqueles que dominavam o poder, quer pela origem imperial, quer pelo domínio econômico



Governantes,  
comerciantes, líderes de  
toda ordem tiveram suas  
imagens preservadas pela  
arte em todos os períodos,  
especialmente, antes da  
invenção da fotografia

Portanto, vincular a arte à elite dominante, não é difícil. Difícil sim é socializá-la, ou seja, transformá-la num bem comum, de livre acesso e apreciação

Esta é uma das metas dos artistas engajados, politizados, dispostos a quebrar, enfraquecer, reduzir ou neutralizar o domínio da arte pelo poderio econômico

Grande parte das discussões que envolveram a arte e a política, também passaram pela instauração dos partidos políticos de esquerda, ou seja, daqueles que não se posicionavam ao lado do grupo dominante, mas ao lado dos dominados

As ideologias de esquerda,  
especialmente as  
socialistas e comunistas,  
tinham como meta o  
nivelamento do acesso aos  
bens de consumo e da  
cultura como um projeto

A busca pelo nivelamento ou anulação das classes sociais foi sempre um discurso de cunho esquerdista e assumido, especialmente, pelos partidos socialistas e comunistas em várias nações em que se implantou

Um ideário que se posicionasse contra a concentração do poder e a distribuição dos ganhos advindos da exploração mercantil do bens de uma nação sempre atraiu o olhar de intelectuais e militantes

Um discurso desta índole, quase sempre, convence a classe dominada. Muitos artistas, simpáticos às causas sociais, passaram a tematizar e a defender os trabalhadores explorados e oprimidos pelo sistema capitalista



A temática social passa a tomar conta da arte desde fins do século XIX, em parte como resultado da consciência social advinda da Revolução Francesa e dos movimentos socialistas criados a partir das teorias do Socialismo Científico de Marx e Engels

Desde o Realismo, movimento artístico do século XIX, o trabalhador é tomado como motivo ou tema de muitos artistas que, em alguns momentos, os enaltecem e os glorificam

O trabalho dos muralistas mexicanos, dos clubes de gravura no Brasil, e outros exemplos do mesmo naipe, revelam a aproximação da intelectualidade artística com o social

Neste sentido teríamos sim,  
uma tentativa de quebrar a  
hegemonia da classe  
dominante por ações e  
atitudes da classe dominada,  
portanto, haveria uma troca  
de lugares temáticos o povo  
pela elite

Embora esta troca de lugares fosse apenas temática e bem vinda para a elite, pois perdem-se os anéis mas preservam-se os dedos, a socialização da arte está muito distante de ocorrer

A discussão em torno da elitização ou da socialização da arte, passa, antes, pela questão da educação e da democratização da cultura, do que pelas condutas assumidas pelos artistas ou dos demais atores do sistema de arte

Quanto maior for o acesso do grande público à educação e à informação, maior será o acesso à cultura, como criador ou, no mínimo, como apreciador

Portanto o acesso à educação é que trará condições para a socialização da arte, pois, na esteira da educação está a qualificação de pesquisadores, da mão de obra especializada, melhores empregos e de condições de saúde



Ao par de tudo isso é que a arte caminha, dialogando e interrogando cada momento social. Cada olhar que lança sobre o mundo, é lançado como um modo novo de conhecimento e descoberta

O conhecimento humano não pode ser confinado em instituições dominadoras como bibliotecas e museus, deve ser disponibilizado irrestrita e integralmente para a humanidade

O confinamento das obras de arte em museus é o resultado de uma ação de dominação, exercida sobre o conhecimento que tem sobrevivido ao tempo e às revoluções

Por mais estranho que pareça,  
um dos passos dados em prol  
da democratização da  
informação, foi dado pela  
mesma sociedade capitalista e  
tecnológica que domina a  
sociedade atualmente: a  
criação da rede de  
computadores

Entrando para a sociedade, quase como um subproduto da tecnologia e da troca de informações em sistemas fechados, a rede se torna um feitiço contra o feiticeiro

Por meio dela é possível acessar dados com tamanha rapidez que, pelos meios tradicionais, não seria viável, a própria rede coloca em xeque a propriedade de bens culturais como livros, músicas, imagens, idéias etc.

Embora o acesso à rede ainda seja restrito, em relação à população mundial, isto tende a ficar cada vez mais acessível com o passar dos anos. Há uma espécie de combate entre aqueles que querem a informação confinada e passível de venda e aqueles que a querem livre

O mesmo podemos dizer em relação aos museus de arte, muitos deles já aceitam abrir suas portas em alguns dias sem pagamento de ingresso



Muitas instituições públicas  
ou particulares têm  
subsidiado artistas para  
realizar obras em espaços  
públicos para que as  
pessoas possam vivenciar  
estas obras livremente

Neste sentido, a arte, como meio de expressão, tem se apropriado dos meios digitais e do sistema de rede para realizar experiências que se parecem com estas exposições públicas, livres de intervenções ou interferência

Artistas que usam os meios digitais para produzir e distribuir arte são cada vez mais comuns nos dias de hoje. Numa sociedade tecnológica, não faz mais sentido pensar as manifestações materiais, em suporte e meios tradicionais

Mas, ao mesmo tempo, são muitos ainda os artistas que se voltam para os fazeres tradicionais. Que ainda problematizam os materiais, os instrumentos e investem em suas habilidades manuais

Ainda temos discussões  
sobre se é o mundo que  
deve orientar a arte,  
segundo sua aparência ou  
se a arte é, acima de tudo,  
aparências

Ainda queremos saber se há um estágio de “beleza” que pode ser chamado de artístico ou se a idéia de beleza não é necessariamente aquela beleza dos gregos, conceitua ou essencial, o que importa, de fato, é o poder criativo

Esperamos encontrar,  
algum dia, um modo de  
fazer arte que fale à toda a  
humanidade e que seja  
inteligível por todos sem  
distinção

Ainda temos prazer em  
criar, em pensar soluções  
que só surgem no contexto  
e no campo da arte e em  
nenhum outra área da  
experiência humana



Não importam os meios, os instrumentos, os materiais ou se a arte é virtual, o que importa é saber se ela vale a pena

E vale a pena pensar em como os novos meios tecnológicos digitais assumirão o papel das ferramentas de criação para este novo mundo

Vale a pena pensar quais são as problemáticas que surgiram na idade da pedra e que ainda persistem na arte da idade digital

Vale a pena pensar em que bases ou quais são as diretrizes que orientam o olhar da arte neste momento, do mesmo modo que as diretrizes do passado orientaram os artistas do passado

Vale a pena pensar se o que se passou foi apenas o tempo, o que se conquistou foi apenas a tecnologia, mas a alma, a índole, a essência é ainda a mesma, eterna e humana

## Base bibliográfica:

.ADES, Dawn. Arte na América Latina. São Paulo. Cozac & Nayf, 1997

.ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. Guia de História da Arte. Lisboa, Estampa, 1992

.BAZIN, German. História da História da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 1989